

AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO PARTE DO PROCESSO DE COCONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

Tiago Lenartovicz*

Resumo: Reflexões sobre como as novas tecnologias da informação e comunicação integram o âmbito escolar ocorrem constantemente e colaboram com as transformações emergentes dos desenvolvimentos socioculturais e com os anseios educacionais contemporâneos. As discussões presentes nesse texto buscam contribuir para as formas como são compreendidas as novas tecnologias da informação e comunicação associadas aos processos de ensino e aprendizagem em âmbitos escolares. O ambiente da sala de aula pode se transformar com as tecnologias, porém a coconstrução do conhecimento nas escolas se torna legítima para o ensino ao serem considerados relevantes os diversos saberes, tanto de professores, quanto de seus alunos.

Palavras-chave: Novas Tecnologias. Ensino e Aprendizagem. Cultura Digital.

Abstract: Thoughts about how technologies and communications are part of the school environment are constant and collaborate with emerging transformation of socio-cultural developments and with the contemporary educational aspirations. These arguments in this text contribute to the ways in which are included the new information and communication technologies associated with the processes of teaching and learning in school contexts. The classroom can be transformed with the technologies, but the co-construction of knowledge in schools becomes legitimate for the education at consider the various relevant knowledge, both teachers and students.

Keywords: New Technologies. Teaching and Learning. Digital Culture.

Escrever sobre hábitos, sugestões e análises de atividades escolares por diversas vezes pode gerar certo desconforto ao público leitor, dependendo de sua relação com o processo de ensino. Isso ocorre, pois grande parte de pesquisas e dissertações acabam por fazer pesadas críticas aos processos de ensino, tendendo por envolver direta ou indiretamente os professores como grandes detentores das responsabilidades dos problemas enfrentados para uma educação mais eficiente, ou melhor, que são culpados por não apresentarem resultados mais satisfatórios.

Em resposta a muitas dessas críticas, professores, pedagogos e demais profissionais do segmento tendem a responder tais análises com um argumento comum: quem escreve não conhece a realidade, está distante de saber quais os reais problemas enfrentados no cotidiano escolar. É parte dessas circunstâncias

* Tiago Lenartovicz possui formação em Publicidade e Propaganda e Letras, Pós-Graduação em Comunicação Visual em Mídias Interativas e Mestre também em Letras, com estudos dedicados ao uso das tecnologias como aliadas ao ensino e a aprendizagem. Professor colaborador do curso de Comunicação e Multimídias da Universidade Estadual de Maringá.

realmente faz sentido e, de certa forma, é possível concordar com essa ausência ou esquecimento de aliança com a realidade. Raramente, pesquisadores estão, de fato, em contato com o efetivo cotidiano escolar e podem, infelizmente, tecer probabilidades e reflexões para ações que destoam com as possibilidades ou condições de trabalho dos professores, em especial da rede pública tanto estadual quanto municipal.

Por isso, como autor e pesquisador, deixo como forma de complemento o olhar desse artigo. Além do aporte teórico embasando a produção textual, constantemente procuro realizar atividades de aproximação com diferentes profissionais do ensino, exercitando princípios da pesquisa de caráter empírico, não como fundamentação de dados para simples acervo ou análise, mas como ampliação dos conhecimentos de mundo, ao entender de que forma trabalham, pensam e interagem alguns desses profissionais. Principalmente com relação às temáticas que envolvem as tecnologias da comunicação, desde suas limitações até suas potencialidades.

Essas ações não visam limitar ou estabelecer regras, mas além de apoio às metodologias de pesquisas, essa prática é uma forma de atualizar os conhecimentos, partilhar informações e poder contribuir por meio das relações interpessoais. Sendo assim, faço uso das práticas sociais que envolvem o compartilhamento de tais vivências e conjecturas, para poder elucubrar sobre as temáticas reflexivas, também direcionando os olhares para abordagens que se tornam foco de discussões e abrem espaço para pesquisas pertinentes.

Feitas as primeiras considerações, passa-se ao tema principal que dá sequência às discussões do presente texto, abordando como o ensino e a aprendizagem nas escolas podem ser associados às tecnologias da informação e comunicação (TIC), modificando as formas de compreender o que de fato é o ensino, revendo as visões tradicionais presentes nas instituições escolares e intensificando propostas mais condizentes com o momento em que a sociedade se encontra em termos de transformações sociais e tecnológicas em comunhão às necessidades para seu papel na educação, transmissão e apropriação de conhecimentos.

Cultura digital e acesso à informação no ambiente escolar

O cotidiano dos estudantes de um modo geral está rodeado por informações de diferentes naturezas e propósitos e parte dessa possibilidade está relacionada ao acesso às tecnologias da comunicação e principalmente seu caráter de mobilidade para recebimento e transmissão de informações pela Internet. Os aparelhos, em especial os celulares da categoria *smartphone*, cada vez mais acessíveis e com múltiplas funções, permitem uma aproximação instantânea de produtos de comunicação como textos, imagens e sons. A qualidade de conexão disponível se torna um dos maiores argumentos limitadores para que mais atividades e funções que dependam dos aparelhos sejam executadas. Isso também reflete na quantidade de tempo em uso dos aparelhos ou então em que os jovens estudantes permanecem conectados.

Para as pesquisas, vem se tornando cada vez mais difícil determinar quanto tempo as pessoas ficam conectadas diariamente, visto que, atualmente, a checagem de atualizações ou informações nas redes sociais não ocupa um quarto de minuto. Porém, como são ações feitas inúmeras vezes, é quase impossível memorizar e quantificar sem uma observação mais apurada. Como recurso auxiliador, recorre-se então, para uma melhor apuração desses dados, ao uso de aplicativos ou ferramentas online que monitoram as conexões e fazem essa mensuração qualificada. A observação dos ambientes sociais na contemporaneidade apontam os hábitos de uma cultura digital em que a conexão é constante e o acesso torna-se crescente, além de diferentes ações poderem ser realizadas simultaneamente durante o uso dos aparelhos.

Desse modo, é preciso considerar que, atualmente, o computador e as diferentes tecnologias de informação e comunicação, como a Internet móvel, por exemplo, estão cada vez mais acessíveis no ambiente escolar, e também em diferentes contextos, o que facilita o acesso de pessoas a redes sociais, portais de notícias e sites de busca de conteúdos, provocando um crescimento dos modos de participação no ciberespaço e a produção de conteúdos (SANTAELLA, 2003; LÉVY, 1999).

Ao direcionar este estudo para o ambiente escolar, é necessário entender como a escola está relacionada com a participação dos alunos e professores e quais conceitos de aprendizagem podem ser levados em consideração.

A escola e a educação básica são lugares sociais de ensino-aprendizagem de conhecimento acumulado pela humanidade – informações, indicações, regras, modelos –, mas também, e fundamentalmente, de formação do sujeito social, de construção da ética e da moral, de circulação das ideologias. (ROJO, 2004, p. 7)

Todavia, como ressalta Kleiman (1995), as iniciativas dos educadores ainda precisam ser intensificadas para a formação dos alunos, visto que os professores exercem o papel de mediadores no ambiente escolar e intervêm no desenvolvimento dos alunos para ampliar positivamente as formas de aprendizado por meio de recursos tecnológicos. No contexto educacional, segundo Almeida (2005, p. 183),

O que as TIC podem trazer como contribuição efetiva à evolução do letramento é o emprego das múltiplas linguagens hipermidiáticas para a representação do próprio pensamento associado com a recuperação instantânea e a leitura de textos e hipertextos produzidos por si mesmo ou pelo outro, para o diálogo de ideias, a reconstrução do pensamento a partir do pensamento explicitado pelo outro, a análise da própria representação com a possibilidade de reelaboração.

Atualmente, a maioria das crianças e jovens em fase escolar está imersa em uma cultura na qual as inovações tecnológicas são muito comuns. As tecnologias digitais são recursos muito próximos desses jovens, também conhecidos como “nativos digitais” (JORDÃO, 2009), cuja forma de pensar e aprender está relacionada à rapidez de acesso às informações, à forma de acesso a diferentes conexões e às múltiplas possibilidades de caminhos a se percorrer oferecidas pela Internet.

A cada dia, mais os professores se deparam, em suas salas de aula, com alunos que convivem diariamente com as tecnologias digitais. Estes alunos têm contato com jogos complexos, navegam pela internet, participam de comunidades, compartilham informações, enfim, estão completamente conectados com o mundo digital. (JORDÃO, 2009, p. 10).

Para Marinho (2011), é preciso ressaltar que os nativos digitais convivem com uma geração ainda ligada a estruturas midiáticas diferentes. De um lado, os nativos digitais estão acostumados ao hipertexto, à hipermídia, às redes sociais e a estruturas narrativas não lineares. De outro, agentes de educação que não nasceram e cresceram em meio digital e têm dificuldade de lidar com a não linearidade. Essa geração cresceu vendo filmes e lendo livros de forma linear. São dois modelos de comunicação que entram claramente em conflito.

A internet tem revolucionado a maneira como as pessoas interagem com a informação e o conhecimento e os professores nem sempre estão suficientemente preparados para trabalhar com alunos que nascem em um mundo muito mais mutável e dinâmico que o mundo de apenas algumas décadas atrás. (ANDRÉ; BRUZZI, 2009, p. 29).

É preciso, então, aproximar as experiências, ao invés da exposição unilateral de vivências e saberes. As gerações podem e devem trocar entre si suas histórias e o modo de contá-las. Atrair alunos é tão importante, tanto quanto incentivar e incluir os professores nessas novas metodologias de ensino, aprendizagem e produção de conhecimento em um processo de coconstrução, validando os saberes múltiplos. “A escola deve ser pensada como um corpo dinâmico, pois o conhecimento é assim. O papel social da escola é preparar indivíduos capazes de ler o mundo criticamente para torná-lo melhor” (MARINHO, 2011, s.p.).

O momento atual permite um acesso cada vez mais acelerado de informações, e na mente dos alunos as informações nem sempre possuem um critério de seleção ou filtragem do que realmente é adequado para seu aprendizado no contexto escolar. O excesso de informações e as atualizações constantes de acontecimentos no ciberespaço é um grande passo para o desenvolvimento da comunicação, porém é preciso que existam formas de auxiliar os alunos, em como lidar com a quantidade de informações existentes e fazer com que a informação seja transformada em conhecimento, “encontrar uma lógica dentro do caos de informações que temos” (MORAN, 2007, p. 101).

Processos de ensino passam a ser integrados à rede de informações imediatas. Os livros e seus formatos tradicionais passam a ser um iniciador de temas, havendo a possibilidade de explorar conteúdos e investigar topicamente os assuntos tratados em sala de aula, o que muitas vezes pode gerar desconforto ao

professor, pois a sua figura, tida tradicionalmente como a única detentora do conhecimento em sala de aula, passa a concorrer com a tecnologia, também concebida como fonte de informações.

Ao invés de sermos prisioneiros de autores de livros texto e de suas prioridades, escopos e sequência, somos agentes livres que podem encontrar mais sobre um assunto que os autores sintetizaram, ou encontrar interpretações alternativas que eles não mencionaram (ou com a qual concordam ou até mesmo consideram moral ou científico). (LEMKE, 2010)

Cabe ao professor mediar a interação do aluno com as TIC, visando a qualidade das informações obtidas em fontes virtuais. Isso significa que seu papel é ainda mais importante, por ter de expandir os conhecimentos de seus alunos, na busca por informações mais adequadas, criando, assim, um olhar mais crítico diante da imensidão de textos que estão disponíveis na rede.

Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações, avaliando, questionando e aplicando aquelas que julgarem úteis e pertinentes. [...] Assim, conseguiremos partir do que os alunos já sabem (e não do que já deveriam saber ou do que a escola acredita de antemão que eles não saibam) e ajudá-los a conquistar novos espaços. (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 32)

A participação dos alunos, que expõem seus saberes prévios, contribui com o caráter de coconstrução do conhecimento em sala de aula. Integra-se então a esses fatores o conceito de inteligência coletiva, definido por Lévy (1998, p. 28) como “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”, o que demonstra uma dinâmica de participação voltada à colaboração de cada indivíduo, incluindo nestes os ambientes de ensino. Ainda segundo o autor, “[...] a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas” (LÉVY, 1998, p. 29).

Aliado a isso está o alto potencial de interação e a disposição de informações que são proporcionados pela cibercultura e encontrados nos recursos da Internet, que, segundo o autor, reforçam a coletividade e levam a compreender que não há apenas um indivíduo que possa contemplar e centralizar para si todo saber. Por

meio das ações dos papéis sociais de todos que se unem os saberes para fins coletivos.

A inteligência coletiva tem início com a cultura e seu crescimento se faz por meio dela (LÉVY, 1999). Com isso, é possível levar em consideração os mais variados tipos de conhecimento que são adquiridos e transmitidos em diferentes contextos. Tal conceito faz também com que o professor entenda melhor quais os contextos em que seus alunos estão inseridos, quais tipos de textos fazem parte de sua vida cotidiana, ou seja, informações relevantes para a preparação e direcionamento das aulas.

Compartilhar para coconstruir conhecimento

O conhecimento é reconhecido socialmente como uma aquisição humana ligada a diferentes contextos. O despertar para uma consciência da importância do conhecimento é parte fundamental nos processos de ensino. A noção de que o conhecimento amplia as possibilidades deve ser despertada, para que o seu valor seja algo presente em todas as atividades cotidianas. É preciso sempre conhecer para realizar, para ter confiança e gerar credibilidade em ações, criações e interações, conceitos despertados pela comunicação e pela interiorização do conhecimento que rodeia as esferas sociais.

O conhecimento se dá fundamentalmente no processo de interação, de comunicação. A informação é o primeiro passo para conhecer. Conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, fazer nosso o que vem de fora. Conhecer é saber, é desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior. (MORAN, 2007, p. 25)

O processo de conhecimento se constrói interiormente por meio da mediação social, e se torna parte do desenvolvimento de ideais e atitudes de cada indivíduo. Parte desse processo está em buscar e construir o conhecimento, sendo os ambientes de ensino possíveis intermediários para que isso se concretize.

Parte das mudanças que ocorrem na sociedade está intrinsecamente ligada aos processos educacionais. Por isso, refletir sobre o ambiente de ensino e a inserção das TIC em sala de aula é muito importante, pois não se trata apenas de

equipamentos inseridos na escola, mas de recursos que, sabiamente utilizados, podem contribuir para a construção de novas práticas pedagógicas, tão necessárias para a melhoria da educação.

Na medida em que a educação é iniciação em comunidades e especialmente em práticas de letramento genéricas e especializadas, novas tecnologias da informação, novas práticas de comunicação e novas redes sociais possibilitam novos paradigmas para a educação e a aprendizagem, e colocam em debate os pressupostos sobre os quais os paradigmas mais antigos se apoiam. (LEMKE, 2010)

Os paradigmas citados por Lemke (2010) fazem parte do entendimento de uma abordagem da aprendizagem contemporânea, pensada de modo a não restringir o conhecimento ao ambiente da sala de aula e aos professores por meio apenas dos livros didáticos ou da participação limitada e unilateral. Com isso, projetam-se maneiras de desenvolver as habilidades intelectuais dos alunos em um processo mais dinâmico, aumentando sua participação e contribuindo com as formas de ver a escola como um ambiente que se dedica verdadeiramente em formar cidadãos críticos e ativos socialmente. Assim, para este estudo, adota-se uma perspectiva de aprendizagem assim definida:

[...] como uma realização intersubjetiva, emergente e contingente às ações dos participantes, produzida para dar conta das atividades desenvolvidas em cada interação [...]. Isso quer dizer que a sala de aula pode ser um espaço para os participantes interagirem e, na busca por soluções, para alcançarem os objetivos propostos, lançarem mão de recursos linguísticos já conhecidos e aprenderem outros à medida que se fazem necessários (SCHLATTER; GARCEZ, 2009, p. 130)

Percebe-se o caráter intersubjetivo da interação como o momento em que são realizadas ações entre atores sociais. Focando essas ações que ocorrem entre professores e alunos, há a percepção da importância da participação para que ocorra aprendizagem. Oportunizar os espaços para participação adequada dos alunos é um desafio vigente em qualquer sala de aula, entendendo e identificando necessidades dentro de um contexto comunicacional participativo (MORAN, 2007). O trabalho do educador consiste em alcançar objetivos e metas-fim, uma das características da fala-em-interação institucional.

Alcançar os objetivos da aprendizagem inclui o uso de recursos conhecidos, como apontam Schlatter e Garcez (2009), ao passo que também fazem parte novos recursos de acordo com as necessidades observadas. Necessidades essas que podem estar relacionadas com as formas de interação, com a maneira de obter informações, de construir conhecimento. Os novos recursos são então originados por fatores sociais, culturais e também por desenvolvimento tecnológico. Assim, as múltiplas funcionalidades das tecnologias podem proporcionar novas formas de interagir com os conteúdos em sala de aula.

O processo de integração das tecnologias passa a ser também uma constante nas discussões de projetos que possam ser adequados ao ensino. Muitas questões são levantadas justamente por serem novas realidades, e como toda nova estrutura, requer tentativas para fins determinados e averiguações de seus resultados no processo de aplicabilidade.

Nesse sentido, os trabalhos didáticos em que se usam as tecnologias devem estar integrados aos seus usos como ferramentas colaboradoras nos processos de ensino e aprendizagem, e não voltados apenas à inserção física e improdutiva. Assim, disponibilizar o recurso tecnológico na escola deve incluir, também, o preparo dos profissionais da educação e dos próprios alunos para o uso consciente das TIC.

No ambiente escolar, os recursos mais comuns de tecnologia são o computador e o acesso à Internet. A popularização desses recursos facilita o acesso, mas não determina a eficiência do uso. O computador deve ser visto como uma ferramenta que dispõe de recursos inovadores, não como suporte para transferir conteúdos. O computador não deve ser pensado como um pretexto para visualizar imagens digitalizadas. Mudar a plataforma significa pensar em formas adequadas de seus usos, visto que as capacidades de tarefas computacionais são extensas.

[...] o computador não vai, por si só, modificar a concepção de aprendizagem das escolas, uma vez que ele pode ser usado para lidar com diversas situações. E é aí que está uma das vantagens de se usar o computador em sala de aula. Cada momento da situação de aprendizagem requer uma estratégia diferente (COSCARRELLI; RIBEIRO, 2005, p. 27)

O computador e as tecnologias contemporâneas podem ser úteis em momentos diversos, cabendo ao professor planejar as atividades de maneira mais direcionada, pensando nas práticas de leitura, escrita e produção de conteúdos possíveis. “A escola precisa encarar seu papel, não mais apenas de transmissora do saber, mas de ambiente de construção do conhecimento” (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 32).

Como papel do educador, firma-se também a preocupação em conquistar o sucesso na aprendizagem, que significa:

[...] envolver-se em atividades de aprendizagem e ser capaz de interagir cada vez mais afirmadamente em diferentes práticas sociais das quais se deseja participar usando os recursos de expressão que a comunidade de práticas prefere ou exige [...] (SCHLATTER; GARCEZ, 2012, p. 57)

Pode-se considerar a interação com os conteúdos escolares como componente presente em diferentes práticas sociais, como em acessos à internet e em sites de diferentes segmentos, no consumo de entretenimento como filmes, músicas e jogos eletrônicos, na literatura e aplicativos móveis digitais, práticas em contextos sociais dos alunos em meio aos textos e às ferramentas tecnológicas que circulam por elas.

Dessa forma, a escola pode validar a existência de diferentes gêneros e formatos em que os textos e produtos de comunicação podem ser adequados, criados e editados, bem como compartilhados (MARCUSCHI, 2004). Há, então, iniciativas sendo realizadas que exploram de maneira satisfatória e eficaz as tecnologias em conjunto com as práticas pedagógicas, expandindo os horizontes que configuram as sociedades que convivem com recursos tecnológicos, havendo condições de associá-los nos variados processos de ensino e aprendizagem. As instituições de ensino podem propiciar um contato entre alunos e contextos tecnológicos, visando uma aprendizagem por meio daquilo que faz parte de suas relações sociais, desenvolvendo a criticidade e despertando-os para diferentes maneiras de compreender sua inserção e atuação social.

Considerações Finais

As transformações sociais levam a novas atividades e práticas, em que são observadas as interações associadas às novas tecnologias. Para isso, é preciso que a escola e os profissionais da educação estejam conscientes da importância dessa integração na contemporaneidade, tendo em vista o acelerado surgimento de tecnologias acessíveis, assim como a participação das pessoas em ambientes virtuais, levando a novas formas de interação com os produtos de comunicação e necessidades de integrações com os trabalhos em salas de aula.

Muitos dos docentes, por não se sentirem habilitados em fazer uso das TIC em sala de aula para suas atividades pedagógicas, vêm a necessidade de migrar de uma cultura predominantemente analógica para uma nova estrutura social de múltiplas práticas digitais (ROJO, 2012).

Levar as tecnologias à escola é também dar ao aluno o reconhecimento de seu saber já adquirido em práticas e ambientes sociais não limitados às escolares, levando em conta questões socioculturais que auxiliam no desenvolvimento desses saberes, que podem contribuir para as atividades em sala de aula, valorizando sua participação para a coconstrução de ambiente produtivo de aprendizagem.

A preocupação com os usos das TIC nas práticas pedagógicas atraem interesses dos educadores na busca por oportunidades de compreender e aperfeiçoar as formas de lidar com essas ferramentas em sala de aula. Porém, a forma como as participações de alunos e professores acontecem precisam estar em sintonia, validando os saberes no processo de ensino, fazendo uso das tecnologias como ferramentas de obtenção e compartilhamento de informações, e assim tornar o ambiente da sala de aula favorável para as múltiplas possibilidades de aprendizado.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: SCHLÜNZEN JUNIOR, K. (Org.). **Inclusão digital**: tecendo redes afetivas/cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 171-192.

ANDRÉ, C.; BRUZZI, D. Educação científica e tecnológica no Brasil: avanços e desafios para o século XXI. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Saldo para o futuro**. Tecnologias digitais na educação, Ano XIX, boletim 19, nov.-dez. 2009.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital**: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

JORDÃO, T. C. A formação do professor para a educação em um mundo digital. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Saldo para o futuro**. Tecnologias digitais na educação, ano XIX, boletim 19, nov.-dez. 2009. p. 9-17.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. Tradução de Clara Dornelles. **Trab. linguist. Apl.**, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARINHO, Francisco Carlos de Carvalho. Arte, web e educação (entrevista).

Revista Pontocom, 2011. Disponível em:

<http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/arte-web-e-educacao-poder-ilimitado>>

Aceso em: 20 de março de 2015.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papirus, 2007.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. Línguas adicionais (espanhol e inglês). In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. (Org.). **Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul**: linguagem, códigos e suas tecnologias. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009. p. 127-172.